

# Introdução

Este livro é uma tentativa de análise das transformações econômicas, políticas e sociais por que passou o Brasil entre 1930 e 1982. É um ensaio sobre a transformação do Brasil de uma sociedade agrária e mercantil em uma sociedade industrial e capitalista, em que o subdesenvolvimento se torna industrializado e a formação social, além de capitalista, assume características monopolistas e estatais. É o exame da Revolução Industrial Brasileira, que, embora tenha antecedentes no século passado, ganha impulso decisivo a partir de 1930.

É pressuposto deste livro, portanto, que a crise econômica mundial desencadeada em 1929 e a Revolução de 1930 têm um papel decisivo na história do Brasil. Ao contrário de uma série de autores que, a partir do golpe de Estado de 1964, passaram a depreciar a importância desse momento histórico, e a buscar as origens do capitalismo industrial do Brasil em épocas anteriores, porque pensavam poder assim (a) negar a distinção entre a burguesia industrial e a mercantil cafeeira e (b) criticar o pacto populista entre as esquerdas e a “burguesia nacional”, este livro insiste na importância de 1930 como divisor de águas na história da formação social brasileira. E mais: embora considere ingênua a idéia de uma burguesia nacional, entende que realmente a partir de 1930 inicia-se uma ruptura entre a burguesia industrial nascente de origem imigrante e o latifúndio cafeeiro mercantil, ruptura essa que dominaria o processo econômico e político brasileiro até 1964.

Conforme demonstra o capítulo IV, entretanto, uma série de fatos históricos novos irão, a partir de meados dos anos cinqüenta,

reunificar a burguesia mercantil e industrial, liquidar o pacto populista, e criar as condições para a instalação de um regime autoritário no Brasil.

É certo que desde o final do século passado o Brasil, principalmente na região de São Paulo, vinha se industrializando. Mas tratava-se de uma industrialização periférica, subordinada ao modelo primário-exportador vigente. Limitava-se a algumas indústrias de bens de consumo não durável — têxtil, de alimentação, de móveis — sem praticamente nenhuma integração vertical. Não havia uma indústria de insumos básicos, inclusive aço, nem bens de capital. O país era dominado por uma burguesia agrário-mercantil orientada para a exportação de produtos primários, principalmente o café.

O Modelo Primário-Exportador, que caracteriza a economia brasileira desde a abertura dos portos, em 1808, até 1930, foi a forma através da qual o Brasil se inseriu de forma retardatária no capitalismo industrial triunfante na Europa. Ao invés de inserir-se nesse capitalismo de forma diretamente industrial, como aconteceu nos países de industrialização tardia, como a Alemanha e o Japão, o Brasil, aliás como o restante da América Latina, não teve outra alternativa, dada a pequena dimensão de seu mercado interno e a insuficiente base tecnológica e cultural que herdara do período colonial, senão tornar-se exportador de produtos primários. Em consequência, a burguesia latifundiária, dominante no período colonial, permaneceu no poder, assumindo agora mais claramente um caráter mercantil. Com a integração no mercado mundial, a acumulação de capital acelerou-se, formou-se uma burguesia mercantil e uma pequena classe média urbana, mas o desenvolvimento das forças produtivas continuou a ser mínimo. A burguesia mercantil e latifundiária é especulativa e dependente do Estado. Apropria-se do excedente através dos mecanismos de acumulação primitiva — basicamente a expropriação e exploração de camponeses, posseiros e escravos — e não através da incorporação de progresso técnico e do mecanismo da mais-valia.

Em consequência desse domínio do capital mercantil, do qual a produção e exportação de café é o protótipo, não houve praticamente nenhum desenvolvimento das forças produtivas. As técnicas de produção de café em 1930 eram muito semelhantes às vigentes um século antes.

Em 1930, entretanto, dois fatos decisivos mudam a história do Brasil e marcam o avanço do capital industrial sobre o capital

mercantil. De um lado o capitalismo internacional, ao qual o Brasil estava submetido, entra em crise. Esta crise do imperialismo baseado na divisão internacional do trabalho é a oportunidade para o desenvolvimento do Brasil. De outro lado, a Revolução de 1930 alija do poder a burguesia agrário-exportadora, e estabelece as bases de um novo pacto político muito mais favorável à industrialização: o pacto populista.

Nos primeiros quatro capítulos deste livro examino o período que chamei de Revolução Brasileira, que vai de 1930 a 1960. É o momento de transição do domínio do capital mercantil, latifundiário e especulativo, para o capital industrial, intrinsecamente incorporador de progresso técnico. O primeiro capítulo é introdutório. O segundo examina a industrialização substitutiva de importações. O terceiro analisa as mudanças sociais, o surgimento de novas classes: a burguesia industrial, o proletariado urbano, e principalmente a nova classe média assalariada, que em trabalhos posteriores eu chamaria de tecnoburocracia. O quarto capítulo, desenvolvendo a análise de um artigo de 1963, examina o pacto populista, e os fatos históricos novos que irão determinar o seu colapso, provocando a crise política do início dos anos setenta e a Revolução de 1964. É talvez o capítulo mais original da primeira edição deste livro, na medida em que ao invés de simplesmente negar a aliança entre a burguesia industrial e os trabalhadores, explicar porque essa frágil aliança se rompeu levando à crise.

A partir de 1962 tem início a primeira crise do Brasil industrial, que irá estender-se até 1966. A economia brasileira já possuía suficiente grau de integração industrial para ficar sujeita a ciclos econômicos endógenos, gerados pela sua própria dinâmica de acumulação de capital. Os capítulos V e VI examinam essa crise no plano econômico e político, e as alternativas que então se abriam para o Brasil após a consolidação política do capitalismo industrial a partir da Revolução de 1964.

A primeira edição deste livro, publicada em 1968, terminava aí. Estávamos já saindo da crise, mas em 1967, quando terminei sua redação, este fato não estava claro. Por isso, na segunda e terceira edições, publicadas em 1970 e 1972, acrescentei o que nesta edição corresponde ao capítulo VII. O objetivo desse capítulo é explicar teoricamente a grande expansão (o chamado "milagre") que se inicia em 1967, e o novo modelo de desenvolvimento. O subcapítulo em que discuto a concentração de renda e a recuperação da economia brasileira apoiada na indústria de bens de consumo durável foi

escrito ainda em 1970, antes que a publicação dos resultados do censo de 1970 tornassem essa concentração evidente; a definição do novo modelo brasileiro foi escrita no ano seguinte.

Publicaram-se, depois, mais nove edições deste livro sem que fizesse qualquer alteração. Em 1982, entretanto, diante do interesse da Westview Press de publicar o livro em língua inglesa, pareceu-me aconselhável atualizá-lo, inclusive porque, a partir de 1974, inicia-se a nova desaceleração cíclica e nova crise política no Brasil. O capítulo VIII examina a crise econômica dos anos setenta, que até hoje perdura, e, o capítulo IX, o longo processo de transição para a democracia que se inicia em 1974, mas que até hoje não se encerrou.

Nesse período de 50 anos o Brasil teve uma ditadura populista entre 1930 e 1945; democracia nos 19 anos seguintes; ditadura militar entre 1964 e 1978; e um regime semi-autoritário a partir de 1979, depois de extinto o Ato Institucional nº 5. Os primeiros 30 anos correspondem ao Modelo de Substituição de Importações no plano econômico e ao Pacto Populista, no plano político. Desde meados dos anos cinquenta, entretanto, já se define um novo padrão de acumulação no Brasil, baseado na concentração de renda e na produção de bens de consumo durável pelas empresas multinacionais industriais que entram no Brasil. É o Modelo de Subdesenvolvimento Industrializado. Cerca de 10 anos depois, diante da crise do populismo, estabelece-se o Pacto Autoritário Capitalista-Tecnoburocrático de 1964, em que a burguesia aceita a tutela tecnoburocrático-militar para consolidar o capitalismo no Brasil. A partir de 1974, entretanto, essa mesma burguesia, fortalecida e tranqüilizada, começa a romper esse pacto, com o apoio e sob a pressão de forças populares democráticas: intelectuais, estudantes, trabalhadores, a Igreja Católica. Inicia-se então um peculiar processo dialético de transição para a democracia, ao mesmo tempo em que, finalmente, se delinea um pacto social democrático.

Hoje o Brasil é um país subdesenvolvido industrializado, marcado por contradições e desequilíbrios. É uma poderosa economia industrial que convive com um imenso subproletariado marginalizado dos frutos do desenvolvimento. É uma economia tecnologicamente dependente, mas que caminha a passos largos para que seus setores mais modernos e desenvolvidos façam parte do centro capitalista mundial. É uma formação social predominantemente capitalista, mas crescentemente tecnoburocrática ou estatal. É uma economia em crise, da mesma forma que toda a economia mundial, mas essa crise provavelmente implicará na transição para o Modelo

de Subdesenvolvimento Industrializado Maduro, no qual a continuidade do processo de acumulação de capital no Brasil dependerá de sua capacidade de exportar bens manufaturados tecnologicamente sofisticados mas trabalho-intensivos em concorrência direta com os países centrais.

Este livro é uma tentativa de análise de todo esse processo histórico iniciado em 1930. É uma análise que busca ser isenta, embora se saiba comprometida. Foi escrita em três épocas distintas — 1965/67 (capítulos I a VI), 1970/71 (capítulo VII) e 1982 (capítulos VIII a X), somente a Conclusão foi escrita em 1983 — e reflete minha visão datada da sociedade brasileira. Por essa razão, exceto alguns cortes, mantive os textos rigorosamente na forma original. É uma análise histórica, mas não um livro de história. É uma tentativa de compreender de forma integrada e dinâmica esse fascinante fenômeno que é o desenvolvimento econômico, social e político brasileiro.

*São Paulo, julho de 1982*